

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

PAULO BRANCO OU A VÃ GLÓRIA DE PRODUZIR

8 de Outubro de 2026

Bazar / 2009

BAZAR

um filme de PATRICIA PLATTNER

Realização: Patricia Plattner *Argumento e Diálogos:* Patricia Plattner, Aude Py, Blandine Stintzy, Christian Lyon *Fotografia:* Aldo Mugnier *Som:* Henri Maikoff *Montagem:* Loredana Cristelli *Música:* Jacque Robellaz *Direcção Artística:* Ivan Niclass *Decoração:* Ivan Niclass *Guarda-roupa:* Geneviève Maulini *Caracterização:* Leila Fertikh Minkhorst *Assistentes de realização:* Kétal Guenin, Martin De Buck *Interpretação:* Bernadette Lafont (Gabrielle), Pio Marmã (Fred), Lou Doillon (Elvire), Sacha Bourdo (Niko), Jean-Paul Wenzel (Gilles), Grégoire Oestermann (François), Alexandra Stewart (Joanna), Vimala Pons (Marina), David Gobert (Dan), Nathalie Pfeiffer (Madame de Senger), Léo Eckmann (Alexandre), Jean-Pierre Gos (oficial de justiça), Hector Perez-Brito (Hector), Roland Tolmatchoff, Jane Firmann, Pierre Maulini, Jean-Charles Fontana, Pedro Hestnes, Teresa Tavares, etc.

Produção: Light Night, Alfama Films (Suíça, França, Portugal, 2009) *Produtor:* Paulo Branco, Patricia Plattner *Direcção de produção:* F. Christophe Marzal *Estreia Mundial:* 4 de Outubro de 2009, no Festival de Cinema de Namur *Cópia:* 35 mm, cor, legendada em português, 103 minutos *Primeira exibição na Cinemateca:* 27 de Setembro de 2011 (“Pedro Hestnes – “Faça de mim o que quiser”).

Feliz e inconsolável. Em termos de “género” BAZAR inscreve-se como uma “comédia dramática” e era também assim que Patricia Plattner (1953-2016) referia esta sua quarta e última longa-metragem de ficção de 2009. Com formação em belas artes e artes visuais, a artista e realizadora suíça inflectiu o percurso artístico para o cinema com a fundação, em 1985, da produtora Light Night, no seio da qual escreveu, realizou, produziu ou co-produziu uma série de filmes que incluem curtas-metragens e filmes documentais e pela qual, na ficção, passaram, por exemplo, participações na produção de obras de Raúl Ruiz (LA CHOUETTE AVEUGLE, 1987) ou Manoel de Oliveira (OS CANIBAIS em 1988, VALE ABRAÃO em 1993) produzidas por Paulo Branco. Branco foi igualmente (co-)produtor de PIANO PANIER (1989, com Anne-Laure Luisoni e Rita Blanco), LE LIVRE DE CRISTAL (1994, com Valeria Bruni-Tedeschi e Jean-François Balmer), LES PETITES COULEURS (2002, com Anouk Grinberg e Bernadette Lafont) e BAZAR.

BAZAR parece pensado à medida da actriz Bernadette Lafont (1938-2012), na sua segunda colaboração com Plattner, e para sempre associada no imaginário cinéfilo à Nouvelle Vague e à “pós-Nouvelle Vague” de Truffaut e Chabrol, Eustache (LES MISTONS e BEAU SERGE, LA MAMAN ET LA PUTAIN) ou depois Garrel (LE REVELATEUR) e Rivette (NORÔÎT, OUT 1), entre os muitos outros cineastas com quem filmou, sendo que o seu trabalho com Claude Chabrol foi recorrente (LES BONNES FEMMES, LES GODELUREAUX, VIOLETTE NOZIÈRE, INSPECTEUR LAVARDIN, MASQUES). É ela a protagonista de BAZAR, que Plattner definia como “uma comédia dramática ‘doce e amarga’”. Estes termos correspondem, a meu ver, ao estilo de comédias que realizo em ficção: uma certa filosofia de vida, simultaneamente ligeira e profunda. ‘Feliz e inconsolável’ é uma das minhas máximas favoritas. A máxima adequa-se à personagem de Gabrielle, uma mulher de uns sessenta anos, dona de um bazar de antiguidades, confrontada com a ideia da reforma quando fica sem a loja a que dedicou toda uma vida, e epicentro de uma rede de afectos que é perturbada quando Gabrielle conhece um rapaz, mais novo do que a sua filha, com quem mantém um relacionamento amoroso de natureza improvável.

Se BAZAR se constrói à volta da actriz, cuja vitalidade casa com a da personagem, já lá vamos, os ingredientes dramáticos giram, está dito, à volta da ideia do *entre* na existência de uma mulher de meia-idade no início do

século XXI. *Entre* a juventude e a velhice, para resumir as coisas, mais matizadas no filme, em que intervêm outros elementos narrativos já que não se trata apenas de um drama centrado na improbabilidade do caso amoroso mas também na relação entre uma mãe e uma filha. Interessou a Plattner centrar-se na personagem forte de “uma mãe, jovem amorosa, que deve preparar-se para ser avó, o que tem implicações na sua relação com a filha, também ela num momento de vida em viragem: tornar-se mãe enquanto deve concluir os seus estudos! As intrigas secundárias trazem perturbações diversas e permitem o retrato de uma galeria de personagens, de diferentes idades, que têm, também elas, escolhas a fazer”. Por outro lado, para a realizadora, BAZAR surgia numa linha temática que comunga preocupações tratadas em obras anteriores: “com PIANO PANIER, LES PETITES COULERUS e MADE IN INDIA (1999), longa-metragem documental sobre um sindicato de mulheres pobres na Índia, continuo, no meu trabalho, a observar um universo de mulheres que encontro no meu caminho. BAZAR inscreve-se nesta continuidade.”

A jovialidade de Gabrielle é o tom da abertura, logo também centrado no encontro com o jovem Fred, nitidamente impressionado com a mulher que conhece em plena actividade profissional e a quem oferece um anjo em talha. O retrato que BAZAR faz das personagens, inicialmente descontraído mesmo face às dificuldades que rondam as suas vidas, e progressivamente mais grave, compõe-se essencialmente da criação de um ambiente que traz consigo o universo de Gabrielle, interpretado pela força magnética de Bernadette Lafont que, conscientemente ou não, lhe empresta o rasto do seu passado cinematográfico. Este é, aliás, subtilmente evocado no filme através de um adereço, a bela fotografia de Gabrielle em jovem rapariga, vinda de UNE BELLE FILLE COMME MOI de Truffaut (1972), que, no entanto, Lafont não reconhecia como exercendo um tal papel no filme: “[Trata-se antes de mais de] uma maneira de dar um passado à minha personagem e mostrar a Fred a aparência de Gabrielle quando tinha a sua idade. Uma rapariga muito morena, de olhar confiável, que facilmente poderíamos tomar por uma portuguesa” (é a existência na vida de Fred de uma rapariga portuguesa que, durante umas férias em Portugal, imaginadas como um idílio, vem desencadear o fim da história entre os dois).

Bernadette Lafont foi seduzida pela personagem de que começou por desconfiar. Plattner ofereceu-lhe um papel protagonista (depois interpretados para Truffaut, Eustache e Nelly Kaplan – LA FIANCÉE DU PIRATE, 1969 – várias décadas antes, e mais tarde para Olivier Peyton, LES PETITES VACANCES, 2006) e a atriz entregou-se compondo-a muito, também, a partir da metamorfose operada quando Gabrielle conhece Fred. Viu em Gabrielle o que ela tem de náufraga, mas uma náufraga “que recusa a aposentação anunciada, quer ainda surpreender, seduzir (...), a personagem nasceu sobretudo do meu trabalho sobre a sua aparência física, as roupas, os penteados... agarrei-me muito à ideia de que, não sendo uma artista, esta mulher gosta de belos objectos e é dotada de uma sensibilidade artística”.

Como a personagem de Gabrielle, BAZAR é um filme sensível, e um filme enérgico. Cromaticamente recortado nos ocre que marcam as sequências suíças (a maioria) e nos marinhos sobrepostos das cenas em Portugal que vêm cumprir na narrativa o propósito de acordar a realidade da mulher rejuvenescida pelo relacionamento amoroso com Fred e que, até aí, vemos sentir-se como uma gaiata. É numa destas sequências, em que Gabrielle adoece, que Pedro Hestnes entra brevemente no filme, na personagem do médico português que a vem tratar, mas que vê nela, como diz a Fred, a mãe do rapaz e não a sua amante. É a primeira vez que no filme esse pensamento é verbalizado permitindo a antevisão do desfecho. Entretanto, a nota dissonante, digamos assim, marca a sua presença em BAZAR também através de um adereço, o casaco de cabedal vermelho de Gabrielle.

Maria João Madeira